

FESTAS EM ALTE

A ridente aldeia de Alte realiza nos próximos dias 17 e 18 do corrente as suas tradicionais festas em honra de Nossa Senhora das Dores e S. Luís, que prometem revestir-se do tradicional brilhantismo que caracteriza as festas daquela pitoresca aldeia do nosso concelho.

ANO X N.º 260
SETEMBRO — 16
1 9 6 2

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Tel. 154 — R. Tenente Valadim, 30 — FARO

DIRECTOR

Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira, 42-44 — LOULÉ

VOZES E... VOZES

Durante esta quinzena, vozes autorizadas fizeram-se ouvir sobre problemas que interessam aos portugueses e ao Mundo.

O Doutor Correia de Oliveira, ilustre Ministro de Estado, fez uma brilhantíssima exposição sobre a integração económica do espaço português; o Prof. Doutor Adriano Moreira produziu elucidativas e patrióticas declarações no seu regresso da visita à Guiné e Cabo Verde; o Emmentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa desfilou, numa magistral alocução, à juventude reunida em Fátima, o palpitante tema: A opção: materialismo — marxismo e o Papa falou ao Mundo sobre o que será um dos maiores acontecimentos do Século: o Concílio Ecuménico Vaticano II, a abrir em Outubro.

Palavras de senso e de realismo, lições de fidelidade à Pátria e a Deus, doutrinas vivificadoras, luzes e directrizes para manutenção da integridade da Pátria Portuguesa una e livre e honrada e para a construção de um Mundo na paz, que é como quem

diz na liberdade, na justiça e no amor.

Entretanto, o legado de Roosevelt, o maior e mais hipócrita dos traidores à Europa e à civilização cristã, que se alimenta de espírito e não de cálculos sobre ganhos e perdas, vai sendo imbecilmente executado, pelo mais inconsciente e estúpido escol de gente sem avós de países sem história, joquetes ingénuos dos que têm uma doutrina a que sabem obedecer e uma força que, com raro oportunismo, sabem exibir.

Pena é que entre os filhos de uma Pátria que por eles era ditosa, certos, cegos pela paixão política ou «levados» pelo exemplo estranho, engrossem, sem disso ter consciência, a magra hoste dos que o poeta afirmou «entre os portugueses alguns terem havido algumas vezes».

Falta-nos espaço e carece-nos envergadura para gloriar esses acontecimentos em que a quinzena foi fértil e a que se juntam as aparências populares do encontro De Gaulle — Adenauer.

Limitamo-nos, por isso, a registar que as medidas anunciadas pelo Doutor Correia de Oliveira vão em breve ser um facto. Por elas sempre se bateram aqueles portugueses que, por doutrina e por sentimento, pensam que o futuro que se talha no presente só terá bons alicerces se estes assentarem nos sedimentos firmes

(Continuação na 3.ª página)

Vai ser aumentada a visibilidade na Ponte

sobre a Ribeira de Quarteira

A imprevidência de alguns condutores fazendo ultrapassagens sobre esta Ponte, infringindo levemente os preceitos do Código da Estrada, causaram vários acidentes, alguns deles mortais.

Vai a Junta Autónoma de Estradas proceder a obras que permitirão beneficiar a visibilidade, para obstar que aqueles que, sistematicamente, violam as regras de trânsito, sejam forçados a tomar as precauções que o respeito devido por quantos circulam na via pública, impõe.

AVISO

A Câmara Municipal de Loulé, vem por este meio avisar os interessados na construção de edifícios em Quarteira de que não deverão adquirir terrenos para o efeito sem se documentarem junto dos seus serviços acerca da viabilidade da referida construção.

O Presidente da Câmara,
José João Ascensão Pablos

Caleidoscópio

Encontra-se exposto no edifício da Junta de Turismo de Quarteira o ante-plano de urbanização desta povoação o qual tem sido objecto de muitas visitas, interessadas na aquisição de terrenos para construção.

Por feliz coincidência encontra-se veraneando, em Quarteira, o senhor arquiteto urbanista, seu autor, cujos esclarecimentos têm sido úteis notando-se, por parte dos interessados, um real interesse em aplicar, aqui, os seus capitais com vista a recreio pessoal e também a rendimento.

Consta que está para breve a construção de um motel, na encosta a norte e nascente da «Foca do Coelho», por parte de um capitalista, familiarizado com a indústria, em África, onde a explora.

Pelos vistos, um surto de progresso — enfim! — está reservado para aquela popular praia. Oxalá os «fados» o favoreçam!

Lemos, há pouco, uma conferência proferida pelo Professor Extraordinário da Faculdade de Medicina de Coimbra, J. Gouveia Monteiro, no Anfiteatro de Anatomia da respectiva Universidade. Parcialmente e atinente o seu teor a recentes ocorrências na vida local, não resistimos, por isso, à sua transcrição:

«Outro aspecto que, embora colateral, merece uma citação, é o das relações entre os sectores médico e administrativo, dentro das organizações assistenciais.

É evidente que toda a obra tem

(Continuação na 3.ª página)

(Avença)

A
Biblioteca Publica
LISBOA



Vista parcial da Praia de Quarteira

IMPRESSIONES DA

«Praia Popular» do Algarve

Pelo Dr. José António Madeira

Com esta designação escrevi há nove anos uma série de artigos, neste mesmo jornal, n.º 10-11-12-13, sobre a aprazível praia de Quarteira.

Não é meu intuito encarecer aqui a beleza e a quietude do seu mar, a sua extensa orla de areia finíssima e reluzente ou o seu clima privilegiado que rivaliza

com o das mais afamadas estâncias marítimas da Europa. A temperatura elevada das suas águas permite a prática da talassoterapia em quase todo o ano, atingindo por vezes 24 graus centígrados.

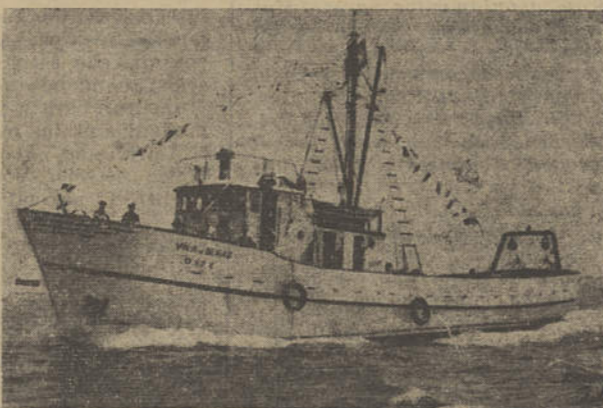
Mas estes predicados que a prodigalidade da Natureza lhe concedeu, necessitam ser conjugados e lapidados como se faz ao diamante. Só então as suas esplendorosas facetas poderão atrair o turista mais exigente.

O seu equipamento hoteleiro e residencial é por vezes insuficiente.

(Continuação na 3.ª página)

Começou a pesca de Crustáceos NO ALGARVE

«O Vila de Olhão», simboliza uma nova riqueza pesqueira do Algarve



Entrou já em actividade na costa algarvia o primeiro barco português construído para a pesca de crustáceos. A nova unidade denominada «Vila de Olhão» dispõe de boas acomodações para os pescadores, é accionado com um motor de 282 HP e tem 24 metros de comprimento. O seu porão refrigerado permite a conservação do pescado nas melhores condições.

O novo arrastão, construído nos Estaleiros Navais de Vila Real de Santo António, só poderá

operar, como é natural, ao largo da costa, para além das seis milhas.

A iniciativa de valorizar a pesca dos crustáceos, organizando-a com barcos próprios, surgiu agora com uma finalidade a todos os

(Continuação na 2.ª página)

«Filipes e não Filipes» coisa de somenos

Causou engulho a Mário Leppo o escrito publicado no «Algarve», no passado dia 5 de Agosto, assinado por M. Gonçalves.

Basta acompanhá-lo com um pouco de atenção para se concluir que não se trata de libelo contra os «filipes» a alguns dos quais, diga-se com toda a justiça, Loulé muito deve.

Não passou o escrito criticado de uma fórmula, geral e abstrata, susceptível de uso, segundo o entendimento da inteligência de cada qual — e à sua responsabilidade — aos casos «... dos aventureiros que na mira de propaganda pessoal se imiscuem destrutivamente em certos sectores da vida local sem curar dos valores em jogo e prestígio da Terra...»

Formulou-se uma previsão.

(Continuação na 2.ª página)

Ao correr da Pena

O LIXO E NOS

Mandou a nossa Câmara colocar, em diversos locais da Vila, recipientes para papéis, medida que reputamos útil e adequada ao melhor assento da localidade.

Todavia, ela só atingirá o objectivo a que se destina, se todos nós compredermos que temos a obrigação de lá depositarmos os papéis e as cascas das frutas, o que nem sempre sucede, como já vimos, diferentes vezes. De facto, é mais cómodo deitar o lixo para o chão, do que andar dois ou três metros até ao recipiente respectivo. É mais cômodo, mas é menos higiénico, e denota falta de educação e respeito pelos outros.

Se nos lembramos de que uma casca de melão, de pêssego, ou de qualquer outra fruta, pode ser o veículo que nos levará ao hospital, por via dum queda, certamente que não iremos deitar para a calçada quanto nos poderá fazer mal. Lá está sempre a nos-

sa espera a boca aberta da caixa do lixo fixada aos variados postes de iluminação. E não custa nada depositar ali o lixo que, até agora, se tem deitado para o chão. Não custa nada, verás.

NAO ESTA CERTO! ou FIAT LUX

O problema tem sido debatido por várias vezes, em tons diferentes, mas afinando sempre pelo mesmo diapasão. É vergonhoso que a estação de «Loulé-Praia de Quarteira» ainda seja iluminada a candelários de petróleo, neste século de luzes, numa altura em que os foguetes demandam outros planetas. Não está certo, como diria o «nosso compadre alentejano».

Não está certo que entre a C. P. e a Câmara Municipal não exista já um entendimento que leve a luz eléctrica à estação de Loulé-Gare.

(Continuação na 3.ª página)

NOTAS À MARGEM

AGRICULTURA

Temos encarado, por diferentes vezes, o aspecto da Lavoura ante o produto vendido, inferindo-se daí que o preço não corresponde aos encargos que impendem sobre o lavrador; hoje, porém, vamos encarar outro aspecto: o preço do trabalho em relação ao rendimento consequente do mesmo. Há aqui que considerar duas coisas — a jorna e a jornada. Como jorna entende-se aquilo que o lavrador paga em retribuição do serviço recebido; como jornada, as horas de duração desse serviço e o volume de trabalho produzido.

Enquanto que as jornas têm subido gradualmente de ano para ano, quase de mês para mês, o trabalhador tenta diminuir a jornada, apresentando-se no trabalho com o sol por essas alturas e largando-o antes do sol-posto. Agora fala nas oito horas de trabalho, porque é verão e sabe que de qualquer modo, as oito horas podem ser excedidas; mas no inverno a conversa já lhe não serve, porquanto sabe muito bem que, para preencher tal espaço de tempo, tem de começar ao nascer do sol e largar ao lusco-fusco, uma vez que tire duas horas para as refeições do almoço e do jantar. São assim, os trabalhadores rurais.

Acho que fazem bem e estão no seu papel; quem não faz bem é a Lavoura que se encontra no caos, completamente desorientada. A continuar assim, falha de organização, sem vontade própria e dementada por um individualismo absurdo, sem saber se ganha ou se perde, acabará, fatalmente, por pôr um alforge às

costas e arrastar a grillheta do escravo até ao último palmo de chão, ou pôr as terras no prego para pagar jorna e suprir encargos que a sua capacidade económica não suporta.

Estamos na época da venda dos figos aos comerciantes. Segundo nos informam, estes suspenderam as compras. Nada mais lógico, tratando-se dum produto cuja conservação na posse da Lavoura não vai além de três meses. Isto corresponde a uma faca a peitos que, quase sem esforço, vai penetrando na pele do paciente, depois nos tecidos subjacentes, até que, por fim, atinge o coração dos mais duros. Como táctica o resultado é maravilhoso. Nisto suberam eles entender-se; trata-se de castigar a Lavoura, fácil foi o acordo. Onde eles se

(Continuação na 2.ª página)

Carismo de Inverno

Esteve há dias em visita ao Algarve o Sr. J. A. Gomes Tomás, director da empresa turística ROQUE, Lda., para a marcação de alojamentos destinados à próxima Campanha de Inverno.

Para esse efeito avistou-se com os representantes da Indústria Hoteleira e de outras actividades a quem o turismo interessa, que apoiaram incondicionalmente a iniciativa de canalizar para o Algarve os turistas dos países nórdicos, para quem o nosso sol de inverno será de um agrado primaveril.

O Sr. J. A. Gomes Tomás convidou alguns industriais do ramo hoteleiro a assistir à «Semana de Portugal» em Copenhaga por iniciativa da agência que representa e que, segundo nos consta, adoptará em breve a designação de Intertur.

Esta semana coincidirá com a inauguração, em Copenhaga, de uma delegação da agência Roque, Lda., destinada exclusivamente a divulgar na Dinamarca as belezas turísticas do nosso País e a promover o desenvolvimento do turismo para Portugal e especialmente para o Algarve.

Curso de Inglês

No louvável intuito de contribuir para a elevação do nível de cultura dos seus associados, a Direcção da Sociedade Artística Louletana vai iniciar na sua sede um curso de inglês, pelo processo de gira-discos, com explicações por professor competente.

O curso terá início no próximo dia 2 de Outubro e as sessões realizam-se às terças, quartas, e sextas-feiras, das 21 às 22 horas e aos sábados das 22 às 23.

Todas as pessoas que tenham direito a frequentar a Sociedade dos Artistas podem desde já fazer a sua inscrição e pedir esclarecimentos aos membros da Direcção.



1.º FESTIVAL DO FOLCLORE NACIONAL

Na Alameda João de Deus, realizou-se a 3.ª eliminatória regional do 1.º Festival do Folclore Nacional — verdadeira festa das músicas, danças e cantares do nosso povo. A organização deste certame em que se inscreveram pelo País fora mais de meia centena de ranchos, contou em Faro com a colaboração do Movimento Nacional Feminino, a quem parte da receita se destinava, tendo a ampliação da valiosa obra do patriótico movimento. A classificação dos ranchos, que receberam quentes aplausos do

público, ficou assim estabelecida: 1.º — Rancho Folclórico da Casa do Povo de St.º Estêvão (Tavira).

2.º — Rancho Folclórico da Casa do Povo da Conceição de Tavira.

O Rancho de Alte — de tanta projecção nacional e além-fronteiras, apesar de inscrito não pôde comparecer, por doença de alguns elementos considerados imprescindíveis. O agrupamento vencedor estará presente na final, em Lisboa, no dia 6 de Outubro, em competição com grupos congêneres das províncias metropolitanas.

(Continuação na 2.ª página)

«Filipes e não Filipes» coisa de somenos

(Continuação da 1.ª página)

contudo, a integração de hipótese concreta não foi a meta procurada, resultando assim descabidas e ociosas as personalizações cusadas por Mário Leppo ao aludir a «filipes directivos», «assembleias» ou «filipes amigos dos ciclistas».

Na linha de tal pensamento pensa o responsável que no escrito em causa não havia margem para melindrar qualquer «filipe» de bem que Loulé, aliás, usa receber com a maior satisfação. Têm sido muitos e mesmo consagrados os exemplos, só não se referindo alguns pelo temor de eventual omissão.

É curioso que estava convencido ser Mário Leppo um natural de Loulé por timbrar os seus escritos, pelo menos mais do que uma vez, com a expressão «nossa terra». Mas, por outro lado, ficava na dúvida: o louletano, ao falar ou escrever da sua terra e apontar os senões, não esquece de todo o belo, Mário Leppo, em todos os seus escritos, que agora me dei ao cuidado de ler atentamente, não teve oportunidade de justo ou mesmo generoso comentário a algo que nela houvesse topado.

Nada de bom há em Loulé que o impressione?

Confessa ainda não entender várias coisas, designadamente que tivesse utilizado o «Algarve», jornal «filipe», em vez de «A Voz de Loulé».

É curiosa a contradição: por um lado, insurge-se contra a distinção de «filipes» e «não filipes» mas, por outro, pretende usá-la para dar lições de louletanismo!

Não será andar demasiado depressa?

Não compreende ainda o que seja a vitalidade desportiva do Louletano «que apenas consistiu em levar à volta oito ciclistas, quando comparada com a dos grandes clubes portugueses».

A respeito, cumpre dizer que a vitalidade do clube local não pode ser aferida pelo padrão da dos grandes clubes: cada coisa para a sua coisa.

Então como queria Mário Leppo que se classificasse os feitos e vitórias dos nossos ciclistas ao longo do ano desportivo?

Se não foi vitalidade, acaso foi mortalidade?

Finalmente, também não compreende que a farmácia de Quarteira não funcione, permanentemente, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro.

Então, e durante o resto do ano?

Acaso serão mais preciosas, a saúde e vidas dos veraneantes do que as da população fixa de Quarteira em cujo número se contam os pescadores que para ela contribuem?

Há coisas que Mário Leppo não pode entender, não só pela sua condição de «filipe» de fresca data, mas também porque não terá colhido no meio ambiente, ao vivo, as verdadeiras impressões que permitem, com pequena margem para enganos, atitudes desassombradas e de olímpico desmembramento.

Conviva e colha, por si, os elementos de que carece pois assim, estou em crer, prestará à Terra utilidade que ela não enjota e, até porque, se há diapasões afinados, outros há que por «defeito de fabrico» ou «vício adquirido», não dão lamiré que preste!

M. Gonçalves

A pesca dos Crustáceos

(Continuação da 1.ª página)

títulos louvável e altruista: os lucros, que venham a ser obtidos pelo «Vila de Olhão» e por mais quatro unidades do mesmo género já planeadas para completar, na fase inicial, a nova frota, reverterão integralmente a favor dos pescadores algarvios, através das respectivas Casas dos Pescadores.

Além da valorização da indústria da pesca dos crustáceos, com grande importância para o desenvolvimento económico da costa sul, os próprios pescadores poderão vir a ser muito beneficiados com o aumento dos seus fundos assistenciais.

A nova empresa armadora aparece com a denominação «Pescaria — Cooperativa da Pesca dos Crustáceos» e é constituída pela Cooperativa dos Pescadores, Mutualidade dos Pescadores e por todas as Casas dos Pescadores do Sul.

O alcance social desta nova iniciativa merece ser posto em relevo pelo ineditismo de que se reveste.

Não é hábito, realmente, ver-se aparecer uma sociedade a explorar uma indústria sem quaisquer fins comerciais.

Mas esta Cooperativa dos Crustáceos nasceu assim. Sem quaisquer investimentos de carácter particular tem uma missão altruista a cumprir: espalhar o bem pelos pescadores e respectivas famílias das Casas suas associadas.

Ao criar-se pela primeira vez, uma organização de carácter social para os pescadores sob a forma de cooperativa, teve-se o cuidado de acautelar também o futuro desta nova modalidade piscatória entregando-se a sua orientação técnica ao Gabinete de Estudos das Pescas, outro organismo que não nasceu com fins especulativos.

Desceu-se ao mais ínfimo pormenor nesta nova organização, pois até foi escolhido Olhão para sede e porto de armamento da nova Cooperativa, por ser aquela vila a mais atingida pela crise nos últimos tempos.

Com mais esta realização continua firme e progressiva a obra de assistência à gente do mar, iniciada há mais de 25 anos pela Junta Central das Casas dos Pescadores.

A convite da Direcção da Cooperativa reuniram-se em Olhão, os representantes da Imprensa Algarvia, a quem os srs. Manuel Abril, membro directivo do citado organismo cooperativo e Henrique Parreirão, Secretário do Senhor Almirante Henrique Tenreiro (Presidente da Junta Central das Casas dos Pescadores), prestaram minuciosos esclarecimentos sobre os objectivos e funcionamento desta magnífica iniciativa de mais alto interesse para a economia piscatória do Algarve.

Os jornalistas visitaram o arrasto «Vila de Olhão» — bela, graciosa e bem dotada unidade fabril e as instalações da Cooperativa da Pesca de Crustáceos.

João Leal

VENDE-SE

Terreno para construção.

Tratar com M. Brito da Mana Telf. 18

LOULÉ

QUARTO

CEDE-SE, em casa particular, com comodidades.

Informa na Avenida José da Costa Mealha, 41.

PLACAS DE FIBRAS DE MADEIRA



TABELA DE PREÇOS DE VENDA AO PÚBLICO

Qualidade	Medid. Standard	Espessur.	Preço =/2
DURO	2,13 x 1,70 = 2,75 x 1,70 =	2,3 m/m	11\$00
DURO		3,2 m/m	13\$00
DURO		5 m/m	17\$00
TEMPERADO (a óleo)		3,2 m/m	18\$00
TEMPERADO (a óleo)		m/m	22\$00
PERFURADO	1,70 x 1,22 =	2,3 m/m	19\$00
PERFURADO		3,2 m/m	22\$50

FABRICAS:

MENDES GODINHO

— TOMAR —

AGENTE NO CONCELHO DE LOULÉ:

José Guerreiro Neto & Filho, Limitada

Rua P.º António Vieira

Telefones 283 e 359

— LOULÉ —

POSTAL de FARO

(Continuação da 1.ª página)

litanas portuguesas. Durante o espectáculo actuaram o acordeonista Filipe de Brito, o cantor Manuel Seia e o locutor Luis Valentim.

REORGANIZAÇÃO DA LEGIAO PORTUGUESA

Foi recentemente reorganizada a L. P. no nosso distrito, que ficou constituída pelas seguintes unidades:

- Comando Distrital (Faro);
- 4 Terços com sede em Faro, Olhão, Monchique e Lagos;
- Núcleos de São Marcos da Serra e Mexilhoeira Grande.

Assim foi extinto o Batalhão que durante largos anos existiu na capital algarvia, pelo que foi exonerado o seu comandante sr. capitão Rafael Pedro Pereira, tendo-lhe sido conferido um louvor em Ordem de Serviço.

Também pela mesma reorganização e em virtude da redução do pessoal, deixou de exercer a seu pedido a chefia da repartição da Defesa Civil do Território (DCT), cargo que com o maior entusiasmo e grande dedicação vinha desempenhando desde 1956, o sr. capitão José dos Santos Custódio. A este oficial foi conferido pelo zelo demonstrado no exercício das suas funções um louvor inserto em Ordem de Serviço do Comando Geral da L. P.

INTERCAMBIO COM O ULTRAMAR

Partiu há alguns dias para Angola onde permanecerá durante um mês um filiado do Centro Escolar do Liceu Nacional de Faro, que ali tomará contacto com os grandes realidades daquela província ultramarina portuguesa. Visitam agora o Algarve os alunos do Curso de Férias para estudantes ultramarinos, que entre nós vêm contactar com as terras, monumentos e indústrias da Metrópole. Singular intercâmbio dos homens de amanhã, dos herdeiros e futuros continuadores duma política de espiritualidade, que pelo seu cunho singular tantas vezes é incompreendida. De particular significado a visita a Sagres — santuário donde as naus do Infante iniciaram a epopeia máxima da grei lusitana!

TRANSPORTES COLECTIVOS

Anunciados há já algum tempo, não se vislumbraram até agora os tão desejados transportes colectivos dentro da cidade, cuja importância e necessidade em ca-

da dia mais se acentuam. Mais um ano escolar se aproxima. As distâncias a vencer são consideráveis. E são os estudantes e professores, os operários, os empregados, as donas de casas, enfim as numerosas camadas dum já apreciável aglomerado populacional que reclamam o interesse que para todos representa a existência dos autocarros na cidade. Sabemos que a montagem duma organização destas é sempre morosa e exige estudos, mas os mesmos não se devem encanhar no sentido dos longos prazos!

NOTICIÁRIO

— O Real de Huelva e o Sporting Farense efectuaram dois encontros de futebol. Na cidade andaluz a equipa local venceu por 5-0. Em Faro, o resultado foi de 1-0, favorável ao onze espanhol.

— O Cine Clube da capital algarvia efectuou no dia 10 mais uma sessão com o filme de Jack Clayton — «Um lugar na alta roda». A próxima sessão efectua-se no dia 24, sendo projectada a película «A Hora da Verdade», de Jean Delannoy.

— Foi nomeado Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Faro o Dr. Francisco de Sampaio e Melo, que exercia idênticas funções em Angra do Heroísmo.

— Um casal suíço — M. e Madame Winterberg — estiveram em Faro em recolha de elementos de interesse folclórico. Estes dois estudiosos haviam vindo de Marrocos, onde durante 3 meses reuniram apontamentos para o Museu Etnográfico e Folclórico da Suíça.

— Está decorrendo o Torneio de Pontuação da Frota de Snips. Ao fim da 2.ª regata, duas tripulações ocuparam o 1.º lugar: Fernando Prazeres e João Correia, e Jorge Leiria e José Filipe, ambos do Ginásio Clube Naval.

— No ano findo, o concelho de Faro pagou no total das contribuições industrial e predial a quantia de 7.091.969\$00.

João Leal

A NOSSA ESTANTE

RECEBEMOS:

OBRAS DE SHAKESPEARE

Está publicando o fascículo 19 desta monumental edição dirigida literariamente pelo Dr. Luis Francisco Rebelo.

Os pedidos de assinatura podem ser feitos para a Rua das Flores, 43 r/c, Lisboa-2, endereçados a Obras de Shakespeare.

AGRICULTURA

Saíu o 13.º número desta bem elaborada revista da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, dirigida pelo ilustre eng.º-agrônomo A. Tomás Barata.

O presente número contém substanciais artigos de carácter teórico e outros de índole nitidamente prática, noticiário e informações diversas, tratando de forragens, lacteínios, pecuária, estudos económicos etc.. Edição e impressão cuidadas, um esplêndido aspecto gráfico.

UMA MOBILIA

E A MAIS APRECIADA E PRECIOSA PRENDA DE NOIVADO

Faça a sua escolha

nos Estabelecimentos de

HORÁCIO PINTO GAGO

AGRICULTURA

(Continuação da 1.ª página)

não entendem, talvez porque não há pior cunha do que a do mesmo pau, é quando se trata da venda do figo ao consumidor; se um vende hoje por vinte, logo outro que soube dessa venda vai oferecer o mesmo produto por dezoito, e depois outro por dezasseis, e assim sucessivamente, numa deslealdade que não tem limites nem confrontos. Pude! São todos da mesma força e leram pela mesma cartilha, e agora já não é a carne mole do lavrador que eles têm de talhar!

Um comerciante com quem há pouco falámos, justifica-se deste modo: O ano passado fiquei com quatrocentas arrobas de figo mercador que só consegui vender por alturas de Maio; pois o lucro que tirei desse figo foram dois contos para fora do bolso. Quem me indemniza desse prejuízo?

Com efeito, a não ser a «Caixa das Almas», o nosso comerciante passará deste mundo para melhor sem qualquer reparação. Aliás, o nosso expositor soube ser prudente e não referiu se ganhou ou perdeu nos demais figos que negociou. E fez bem, visto que não tem que dar contas da sua vida a ninguém.

Contudo, o nosso sócio, informador foi dizendo que os encargos deste ano são maiores. Maior a jornada das mulheres que trabalham no «fumeiro» sobrecarregada com o desconto de 21% para a Caixa de Previdência. Referiu as dificuldades em recrutar essas mulheres, pois além de não gostarem do trabalho de armazém, foram-nas a adquirir um boletim de sanidade que custa cem escudos, o qual, para ser concedido, tem de a paciente submeter-se a um exame médico que a obriga a despir-se da cintura para cima.

Se há quem se não importe em mostrar tudo quanto Deus lhe deu, existem, contudo, outras pessoas que sofrem no seu pudor ao verem-se rodeadas por estranhos tendo como indumentária pouco mais do que aquilo que a mãe Eva apresentou quando foi expulsa do Paraíso. Há que considerar ainda que muitas dessas mulheres são mães e avós e que as formas da Venus de Nilo há muito já que se transformaram num acervo de ruínas. Para essas mulheres e para todos os que têm vergonha, um exame que as force a despir da cintura para cima é muito mais caro do que aquilo que elas vão receber até ao fim da temporada, isto é, não tem compensação material que as faça esquecer o que elas consideram uma ofensa ao seu pudor.

Neste momento estou a recordar o artigo publicado, há dias neste jornal, sob o título: «O Culto do Umbigo». Ora se há mulheres que não querem mostrar o umbigo — e são as do «fumeiro» — e existem outras que estão ansiosas por fazê-lo — ou sejam as meninas das praias — por que não satisfazer esses anseios, mandando as mulheres do «fumeiro» para a praia e as meninas das praias para o fumeiro? Ao fim e ao cabo os figos é que pouco sofreriam com a troca, porquanto — segundo diz o comércio — a maior parte do figo preparado vai parar à caldeira de destilação.

As pitonisas dos gabinetes do Estado sempre tiveram jeito de atribuir à Lavoura todas as culpas da nossa má vida. Agora atiram-nos à cara com a rotina, em menosprezo da técnica. É muito fácil, quando se mora no último andar, sacudir a capacha sobre os que vivem no rés do chão. Porque é que esses cavalheiros não vêm agora, com a sua técnica e concomitante sabedoria, resolver o problema dos nossos figos comestíveis, e deixam, pelo contrário, que os mesmos vão parar às caldeiras de destilação de T. Novas?

Eles lá sabem o segredo do ovo de Colombo. Todavia, não o querem divulgar, não o querem tornar corriqueiro, não vamos nós apoderar-nos da sua técnica e fazê-los perder a pedra da rotina, com que, constantemente, nos alvejamos.

Se quer peixe molhe... diz o

marujo. Eles, porém, os magos da técnica, não precisam de lançar a rede à água; têm quem lhes leve o peixe a casa, e de graça.

Em 1946 — ou seja o primeiro ano a seguir à segunda Grande Guerra — as jornadas tinham este teor: homens a 12\$00, mulheres, a 8\$00. Nesse ano, as alfarrobas venderam-se a 15\$00; as amêndoas, a 60\$00; e os figos a 120\$00. Em 1950, as jornadas dos homens passaram para 15\$00, as das mulheres oscilaram entre oito e dez escudos; as alfarrobas andaram à volta dos 18\$00 e os figos 85\$; as amêndoas estacionaram em relação a 1946. Em 1956 as jornadas passaram para 18\$00 em relação aos homens, e para 12\$00, quanto às mulheres; as alfarrobas, nesse ano, venderam-se a 22\$00 e os figos a 88\$00.

Fixados estes números, colhidos adrede, verifica-se que havia um preço definido e geral para cada coisa. E agora, o que se vê?

Neste ano de graça de 1962 as jornadas atingiram 30\$00 para os homens, 20\$00 para as mulheres, salvo as excepções que oscilaram para baixo e para cima numa desorientação que bem se pode classificar de caótica.

Já não há tabela para coisa alguma, nem para o trabalho pago, nem para o produto vendido. Perdão, para o produto há as tabelas do figo de caldeira cujo índice somos hoje forçados a classificar de bom (55\$00) dado que o comércio, praticamente em greve, já hoje não aceita, quer o figo de caldeira, quer o figo sem escolha, a mais de 50\$00!

Ante este facto, que classificamos de insólito, que providências estão a ser tomadas?

E, finalmente, quem é o culpado de tanta desorientação? — Apenas tu, lavrador. Tu, que te julgas dono daquele património que teus pais te legaram e a que te agarraste como o caracol à casca, sem queres saber se esse é o bom ou o mau caminho. Tu, que vais apertando o cinto até ao último furo, quando devias abandonar esse dementado isolamento em que vives, e procurar na associação, na cooperativa, no grémio a força que te falta, a força que te poderia conferir personalidade. O próprio Estado te ajudaria nesse empenho.

O caso dos figos é mais que significativo: vêde como o comerciante se defende, o que aliás não nos deve causar surpresa, nem devemos tomar a mal, porquanto estão na lógica da sua linha. O que não tem desculpa nem perdão é o teu maramoso, o teu individualismo absurdo, já hoje posto de parte nos países verdadeiramente progressivos. O teu e o meu — o nosso — porque eu também faço parte da confraria, do Mundo dos parvos.

Acho graça e rio-me às vezes de certa propaganda feita através das emissoras, quando, lá do alto, se grita: «Expurguem os figos logo à saída das figueiras, para evitar o bicho». Sim, o bicho! como se a desinfecção não custasse dinheiro e calasse do céu com o orvalho, destas manhãs de Setembro, para, ao fim e ao cabo, tudo ir parar a uma destilaria — detentora dum monopólio — onde a respectiva empresa auferir lucros da escala dos 35%, enquanto que nós chuchamos no dedo. Chora Chico!...

Zé da Horta

Roda de Furgoneta

PERDEU SE uma roda de furgoneta «Hanomag», com pneu 650 x 16, na área entre Cortelha - Salir - S. Brás.

Gratifica-se a quem entregar a José Rosa Mendes — Telefone 13 — SALIR.

PRÉDIO

VENDE-SE um prédio com armazém, na Rua D. Nuno Álvares Pereira.

Quem pretender dirija-se a Ana Barros Santos — Rua 5 de Outubro, 5 — LOULÉ.

Farinhas SIBOL

Compostas para alimentação de gados, vitaminadas e mineralizadas, próprias para vacas leiteiras, bovinos de engorda e trabalho, porcos e aves.

FABRICADA PELOS PROCESSOS TÉCNICOS MAIS MODERNOS

Pedidos a TEODORO GONÇALVES SILVA
Telefone 12 BOLIQUÊME



CRIADA

Para todo o serviço, precisa-se.

Tratar: Alto de S. Domingos, 7 — LOULÉ.

VISITE A

Casa Matias, Suc. res

A MOBILADORA

TELEF. 210

LOULÉ

Temos em «stock» todos os géneros de MOBILIAS, aos mais baixos preços, e todos os artigos para a decoração do Lar. Agora ainda com os maiores descontos!

Pede-se uma visita a título de experiência. O nosso lema é: SERVIR BEM E VENDER BARATO PARA VENDER MUITO

Temos para entrega, em todas as medidas, o sensacional Colchão de Molas DELTA-LOC

As mobílias são entregues no domicílio, como é hábito da nossa Casa

Mário Leppo

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Setembro:

Em 6, a sr.^a D. Maria Celeste Costa Guerreiro, residente no Carvalhal.

Em 12, o menino Manuel Costa Coelho Júnior.

Em 14, o menino Joaquim Manuel da Silva Neves.

Em 17, a sr.^a D. Arminda Gonçalves Coelho Neves, residente em Grandola, e o sr. José Vitória Neto.

Em 18, as sr.^{as} D. Maria Pinto Serra, D. Amália da Conceição Silva, e o sr. Duarte José Guerreiro Pedro.

Em 22, o sr. Dr. Angelo Delgado, a menina Maria da Luz Ramalho Baptista, e os meninos Luis Filipe Estrela Leonardo e Firmino Mateus Lopes Guerreiro.

Em 23, a sr.^a D. Josefina Alexandra da Piedade Barros Ferro e seu marido sr. Eng.^o Joaquim José Ferro, residentes em Lisboa.

Em 24, os srs. Joaquim Manuel Pinto Serra e Marcelino Pereira Martins.

Em 25, as meninas Maria Helena Farrajota de Sousa e Maria João Garcia Laginha Serafim e o menino Joaquim Manuel Rocheta Guerreiro Rua.

Em 26, o menino José de Sousa Vairinhos, residente na Austrália.

Em 27, a menina Maria Esperança Costa de Azevedo.

Em 30, a menina Ermelinda Maria Caleira Guerreiro.

Em 31, o sr. Ogevaldo Coutinho Nunes, residente na Venezuela.

Fazem anos em Outubro:

Em 3, o sr. José Gomes Romera Morgado e a sr.^a D. Maria de Lourdes Guerreiro Viegas.

Em 5, o sr. Eduardo Correia, o menino Manuel Alexandre Rodrigues Guerreiro, residente em Sabrosa, Trás-os-Montes e a sr.^a D. Ana Mendonça Guerreiro.

Em 6, o sr. Eduardo Silvestre e a menina Idalina Silva Militão.

Em 7, o sr. António de Sousa Salgado, a menina Maria do Rosário Leal Marques e o menino José Pedro Simões Ramos, residente em Aveiro e a sr.^a D. Maria Luíza Costa de Azevedo.

PARTIDAS E CHEGADAS

Na companhia da sua esposa, a nossa conterrânea e dedicada assinante no Brasil sr.^a D. Ilda da Conceição Vieira Ramos Rodrigues, veio passar uma temporada a Loulé o sr. António Augusto Rodrigues.

Esteve alguns dias em Loulé, com a sua esposa sr.^a D. Luciana Ramos Plácido e seus filhos Ilda Maria e José Avelar, o nosso conterrâneo e prezado assinante em Lisboa sr. José Barata Plácido.

Já regressou aos Estados Unidos, depois de ter passado uma temporada na terra natal, o nosso conterrâneo e dedicado assinante naquele país sr. Manuel Santos Coelho. Acompanham-no a sua esposa sr.^a D. Maria do Carmo Coelho e seus filhos Manuel e Evalina.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta redacção o nosso prezado conterrâneo e assinante na Cova da Piedade sr. José Martins Custódio.

Após ter gozado as suas férias em Loulé, regressou a França, na companhia de seu filho João Filomeno, a nossa conterrânea sr.^a D. Maria do Rosário Pereira Calado, esposa do nosso prezado assinante naquele país sr. João de Linhas Calado.

Na companhia da sua esposa sr.^a D. Maria de Jesus Costa Elói e de seus filhos Daniel e Helena, esteve alguns dias em Loulé o nosso conterrâneo e prezado assinante em Queluz sr. José Elói Dias Trindade.

Com sua esposa, sr.^a D. Maria Isabel Júdice Pontes Faisca e filho, esteve em Loulé o nosso conterrâneo sr. alferes militiano Júlio Cavaco Faisca, que já partiu para Angola, onde vai prestar serviço.

Após ter passado uma temporada em Loulé, regressou a Carmona o nosso conterrâneo, prezado amigo e assinante sr. José dos Santos Centeno Passos, que há anos fixou residência naquela cidade angolana.

A passar uma temporada em casa de sua mãe, encontra-se em Loulé a nossa conterrânea sr.^a D. Aglaia Castro Ferro, professora oficial em Portimão e que recentemente regressou do Funchal.

ENLACE MATRIMONIAL

Na Capela-Mor da Basílica do Santuário de Fátima, realizou-se, no passado, dia 13, a cerimónia do casamento da sr.^a D. Maria Adelaide de Sousa Botinas Porto, preçada filha da sr.^a D. Nidia Maria de Sousa Botinas Porto e do sr. Dr. Mário Dinis Porto, Sub-Delegado de Saúde em São Brás de Alportel, com o sr. José Manuel Eusébio Rocha, estudante de Medicina na Universidade de Coimbra, filho da sr.^a D. Maria Teresa Eusébio Rocha e do nosso prezado assinante e amigo sr. Dr. José Pereira da Rocha, médico em Salir.

Foi celebrante o Rev.^o sr. Padre Dr. Augusto Gomes Pinheiro,

Director do Colégio de Manuel Bernardes, em Lisboa e testemunharam o acto, por parte da noiva, a sr.^a D. Adelaide Gasson Mendes e seu marido, o sr. Augusto Alves Mendes, e, por parte do noivo, seus tios, a sr.^a D. Maria de Sousa Dourado Cardoso da Silva e marido, Dr. António Cardoso da Silva.

Ao jovem casal endereçamos os nossos parabéns e auguramos uma vida conjugal plena de felicidades.

ALEGRIAS DE FAMILIA

Num quarto particular do Hospital de Loulé, deu à luz, no passado dia 31, uma criança do sexo masculino, a nossa conterrânea sr.^a D. Maria da Conceição Laginha Mestre Ramos e Barros, esposa do sr. Dr. Manuel Pinheiro Ramos e Barros.

O neófito é neto paterno da sr.^a D. Aida Maria Pinheiro Ramos e Barros e do nosso prezado amigo sr. Francisco José Ramos e Barros Júnior e materno da sr.^a D. Maria da Conceição Laginha Mestre e do comerciante da nossa praça sr. Manuel Mestre.

Num quarto particular do Hospital de Loulé teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a nossa conterrânea sr.^a D. Maria Clementina Leal Marques Grade, esposa do sr. capitão de artilharia Henri que António Sales Grade, que presentemente se encontra a prestar serviço em Angola.

São avós maternos da recém-nascida o nosso prezado amigo e assinante sr. Sebastião Rodrigues Marques e sua esposa sr.^a D. Clementina Leal Carreto Marques e avós paternos o sr. Tenente-coronel Daniel Sales Grade e sua esposa sr.^a D. Maria de Lourdes Carvalho e Melo Sales Grade. — Em Paris, onde reside, teve a sua «delivrance» dando à luz uma criança do sexo masculino a nossa conterrânea sr.^a D. Maria Guerreiro Correia, esposa do sr. Manuel Costa Guerreiro.

O recém-nascido, que receberá na pia baptismal o nome de Jean Pierre, é neto do nosso assinante no Carvalhal sr. Manuel Guerreiro Costa e da sr.^a D. Vitória Costa Gonçalves.

Aos felizes pais e avós endereçamos os nossos parabéns, com sinceros votos de futuro risonho para os descendentes.

FALECIMENTOS

Com a idade de 72 anos, faleceu em Lisboa, no passado dia 20 de Agosto, o nosso conterrâneo sr. José Leal Serafim, proprietário, que deixa viúva a sr.^a D. António Laginha Serafim e era pai do nosso prezado amigo e assinante sr. Engenheiro Joaquim Laginha Serafim, Director dos Serviços de Barragens do Laboratório Nacional e das sr.^{as} D. Alice Serafim Guerreiro, D. António Laginha Serafim, D. Fernanda Laginha Serafim, D. Lauretina Laginha Serafim e D. Francisca Laginha Serafim.

Em casa de sua residência, nesta vila, faleceu no passado dia 9, o nosso conterrâneo e dedicado, assinante sr. António Pedro, tesoureiro aposentado da Câmara Municipal de Loulé.

O saudoso extinto, que contava 83 anos de idade, deixa viúva a sr.^a D. Maria do Rosário Teixeira Dias Pedro e era pai da sr.^a D. Lavinia Dias Pedro. Teixeira, casada com o nosso prezado assinante e amigo sr. José Dias Pires Teixeira, director técnico da «Farmácia Avenida», desta vila e da sr.^a D. Maria José Dias Pedro (falecida) e avó das meninas Maria Margarida Pedro Cristina Gonçalves, Maria do Rosário Pedro Teixeira, Lavinia Dias Pedro Teixeira e do menino José António Pedro Teixeira.

Contando 58 anos de idade, faleceu em Lisboa no passado dia 6 do corrente, o nosso conterrâneo sr. José Guerreiro de Mendonça, empregado comercial, que deixa viúva a sr.^a D. Maria Albertina Fernandes de Mendonça e era irmão da sr.^a D. Albertina Mendonça Alvarez, viúva do que foi conceituado comerciante da nossa praça sr. Inácio Garcia Alvarez.

As famílias enlutadas, endereça «A Voz de Loulé» sentidas condolências.

APRECIA

Vestir com elegância e bom gosto?

Faça as suas compras na CASA ZÉ CORTES

Trespasa-se

Café, com mercearia, com divisões para residência na Rua Pedro Nunes (Campina de Cima), trespasa-se ou vende-se tudo, incluindo edifício.

Tratar com Agostinho Bernardino — Campina de Cima LOULÉ

Impressões da «Praia Popular» DO ALGARVE

(Continuação da 3.ª página)

não se puder evitar por enquanto o trânsito intenso por ali, não seria possível, ao menos, proibir o estacionamento de veículos em toda a sua extensão, em frente à praia actual, arranjando-se um parque de estacionamento, provisório, para os meses da época balnear, como se faz nalgumas cidades e vilas do País?

É um problema que talvez mereça ser estudado e que não parece difícil resolver, visto ficarem sempre nas ruas laterais muitos automóveis, bastando portanto um pequeno parque para umas 50 ou 100 viaturas, número que reputo normalmente estacionado na referida avenida. Talvez não fosse difícil demarcar esse pequeno parque no largo em frente ao Posto Fiscal ou noutra local mais apropriado.

Isto de encontrar estacionamento precisamente no sítio que mais nos convém já *passou de moda*. Veja-se o que sucede em Lisboa na zona da Baixa.

Como praia cosmopolita e com tão elevada frequência, não podia deixar de acompanhar a evolução da nudez dos tempos modernos, onde se exibem muitos banhistas num *avontade* que me parece exagerado. Ainda bem que vai *passando de moda* o olhar indiscreto dos tempos remotos de há 20 ou 30 anos. Mas é dever de todos nós deixar subverter as regras que regulam o *pudor* e a *decência* sem os quais não pode existir uma sociedade de respeito mútuo; e isto para não se cair exageradamente na degradação e corrupção dos princípios da moral cristã.

Neste ponto, particular o magnífico artigo do Dr. Jaime Rua, intitulado «O culto do umbigo», publicado no jornal «A Voz de Loulé» de 19 de Agosto último, é significativo e traduz bem como a moralidade pública está subju-

gada à moda que, na sua rigidez da época presente, se sobrepõe aos mais lídimos preconceitos do património espiritual dos povos.

Estes reparos de *bota de clástico* não visam minimizar o nome da *praia popular*, pois a composição do banhista na *areia* é correcta para além do *pecado* transigente que comete em acompanhar no mesmo estilo outras praias. Diz o Dr. Jaime Rua: «Mal avisados andamos se às questões de moral e de costumes não dermos a importância e o relevo que elas merecem, pois cremos que na vida de um povo a falta de saúde moral não é menos grave que a debilidade física...».

Estou de acordo apesar de verificar que a moda não tem fronteiras, instalando-se, cedo ou tarde, nos mais recônditos lugares da terra. Lentamente vai tomando posições avançadas, mas não imutáveis, e a sua regressão é uma espécie de fenómeno cíclico caracterizado pela vida social em geral as pulsações sociais à margem de fenómenos propriamente da Natureza, submetendo-se quase exclusivamente à vontade do homem.

É evidente que a vida turística de Quarteira está condicionada, como sucede em qualquer parte, ao meio ambiente e a sua feição *exageradamente popular* necessita sofrer certa rectificação que só a *nova praia* lhe trará com relativa facilidade.

Lisboa, 1 de Setembro de 1962

José António Madeira

A «Música Nova»

em terras de ESPANHA

Atendendo a honrosos convites dos nossos vizinhos de Andaluzia, deslocou-se recentemente a Espanha a conceituada banda de Loulé, Filarmónica Artistas de Minerva, que abrilhantou diversos festejos ali realizados.

Os aplausos e as deferências de que foram alvo os componentes da «Música Nova» demonstraram mais uma vez a simpatia e a preferência de que em terras de Espanha goza esta popular Filarmónica louletana, facto que deve ser particularmente honroso para todos os amigos de Loulé, pois a «Música Nova» muito tem contribuído para o prestígio musical da nossa terra. Pena é que os louletanos não tenham compensado a sua banda com a ajuda que carece agora para manter esse prestígio, contribuindo mais avultadamente para a compra de um novo fardamento que os componentes da banda, carecem para poderem apresentar-se impecavelmente em terras estranhas.

Deseja

Vestir os seus filhos

COM BOM GOSTO?

Visite a

Casa Mimosa

Rua 5 de Outubro — LOULÉ

FILARMÓNICA

«União Marçal Pacheco»

Deslocou-se há dias a Odemira, onde abrilhantou as tradicionais festas ali efectuadas em honra de Nossa Senhora da Piedade, esta conhecida e apreciada banda da nossa terra, cujo valor a tem tornado preferida para numerosas festas realizadas no sul de Espanha, Baixo Alentejo e Algarve, tendo actuado muito recentemente nas festas de Martinlongo, Quarteira, Estoi e Odeixeira, onde foi muito apreciada.

Proiba-se o tiro aos pombos

Uma Campanha Morigeradora em Marcha

Jamais consegui compreender que satisfação passa colher-se da morte violenta de animais, especialmente dos inofensivos e indefesos e muito particularmente dos pombos, essa delicada ave que foi escolhida para símbolo da Paz, do Amor, da Concórdia, que se sublinhou ao representar o Espírito Santo!

Mas vá que se desprezem todos os símbolos, vá que se alegue serem sacrificados, diariamente, milhões de outros animais, também inofensivos, para o Homem, Rei da Criação, alimentar-se; que é uma lei fatal da Natureza, essa de os animais terem de matar-se uns aos outros para a sua sobrevivência; que talvez por essa lei inexorável se consiga o eterno equilíbrio das múltiplas raças que vivem na Terra.

Os matadouros, porém, não são, que me conste, locais de prazer, de exibicionismo, de passagem de elegâncias! Os que ali *matam*, fazem-no no exercício de uma profissão, detestável, sim, mas uma profissão com que se angaria o Pão de famílias. Essa outra espécie de magarefes, es-

conde-se para matar. Esses magarefes são anónimos, escorrem sangue das mãos e do fato, cheiram, nauseabundos, à carne retalhada, tresandam a morte, mas não fazem do caso um espectáculo público, ainda por cima chamado Desporto... desporto elegante! A sua presença de carrascos ensanguentados talvez fizesse perder os sentidos a muitos desses elegantes que matam, cobardemente, aves inofensivas e, afinal, o gesto da choupa e o levantar da arma no terreno do concurso são, ambos, actos de magarefes! Não compreendo o deleite que se possa experimentar a abater umas pobres aves, anquilosas, mas ansiosas de liberdade, sobretudo porque os seus carrascos nem podem alegar que necessitam delas para matar a fome!

Já tenho surpreendido no rosto de muitos dos meus semelhantes um risinho de soberano desdém quando me pronuncio contra esse espectáculo de injusto morticínio; já ouvi que se os pombos não morressem num concurso de tiro, morreriam de pescoço torcido com funeral de caçarola e lágrimas de cebola; que me chamaram piegas; que me atribuíram sensibilidade doentia, etc., etc. Agradeço a Deus haver-me feito assim e considero fraca razão cometer erros só porque outros os cometem.

Acordemos, antes, que o «feito» é coroado a seguir com enormes taças, com elevadas quantias, com parangonas jornalísticas, muitas fotografias, tudo impróprio da alma humana que deve procurar-se e procurar a Perfeição! Se não fosse um deplorável espectáculo a grande façanha de matar pombos famintos, seqüios, quantos cegos e no fim receber tantas honrarias, seria um espectáculo sarcástico a valer, à Gil Vicente, à Molière!!

M. A. P.

Os melhores Tecidos.

os mais finos padrões para as mais elegantes *toilettes*, encontrará V. Ex.^a na

CASA ZÉ CORTES

BEBE ÁGUA

das Caldas de Monchique

De meio e gaseificada

SAIAS

ÚLTIMAS NOVIDADES

Veja o sortido da

CASA MIMOSA

Rua 5 de Outubro LOULÉ

Ajude o Artesanato!

Comprando «obra de palma» algarvia.

PRÉDIO

VENDE-SE um prédio de rendimento, nos arredores de Lisboa.

Nesta redacção se informa.

CAMURÇAS

Para limpeza de automóveis. Vende João Martins Rodrigues — Avenida José da Costa Mea-lha, 41 — LOULÉ.

José Guerreiro Neto & Filho, L.^{da}

Rua P.^a António Vieira — LOULÉ — Telefones 283 e 359

REVENDEDORES OFICIAIS DE TODAS AS MARCAS DE AZULEJOS

Depositários das Louças Sanitárias SACAVÉM, da Fábrica de Louças Sacavém,

Madeiras prensadas APARITE e contraplacados — Agentes das Tintas ROBBIALAC

Impermeabilizações com FLINTKOTE, de colaboração com os serviços especializados da SHELL

ESTORES de Madeira, Metálicos e Plásticos: FREMA

Tubos e Acessórios Galvanizados — Banheiras em aço esmaltado MINCHIN

Tubos em Plástico para esgotos — Ladrilhos em Plástico para Pavimentos marca DELIFLEX

E muitos outros materiais respeitantes à construção civil, que mantemos em Armazém